

TERAPIA OCUPACIONAL E GRUPOS: UMA ANÁLISE DA DINÂMICA DE PAPÉIS EM UM GRUPO DE ATIVIDADE

ANALYSIS OF THE DYNAMICS OR ROLES IN AN OCCUPATIONAL THERAPY

Maria Inês Britto Brunello⁽¹⁾

BRUNELLO, M. I. B. Terapia ocupacional e grupos: uma análise da dinâmica de papéis em um grupo de atividade. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 13, n. 1, p. 9-14, jan./abr. 2002.

RESUMO: Este artigo procura analisar um grupo de atividades de pacientes internados em hospital psiquiátrico, enfocando a dinâmica da relação dos papéis desempenhados pelos integrantes do grupo e seus reflexos na produção da atividade de acordo com a concepção de Grupo Operativo. A proposta desta atividade partiu de uma solicitação vinda de alguns pacientes, de poderem ter um espaço de divulgação de suas produções gráficas, como desenhos, poesias, histórias etc. Decidiu-se que um jornal seria um vínculo de informação bastante interessante para este fim.

DESCRITORES: Terapia ocupacional/tendências. Estudos de intervenção. Pacientes internados. Terapia ocupacional/métodos. Saúde mental.

INTRODUÇÃO

Os grupos na Terapia Ocupacional vêm sendo utilizados cada vez mais nos serviços de saúde como uma intervenção terapêutica importante e eficaz. Os estudos a respeito deste tema ganham dimensões mais ampliadas, procurando sair de uma prática empírica, construindo um campo de conhecimento que respalde as ações dos terapeutas ocupacionais que se dispõem a trabalhar com este recurso.

Nessa dinâmica de se “fazer junto” nos grupos de terapia ocupacional, cabe ao terapeuta analisar o

complexo processo que se cria, considerando a dinâmica que se instala no processo de interação entre os integrantes do grupo e a realização de uma atividade.

Para Maximino (1995), o grupo pode ser entendido como uma “caixa de ressonância”, onde as singularidades são vividas dentro de uma trama grupal, no qual cada elemento se torna significativo ao outro, passando a fazer parte de uma rede vincular.

Este artigo relata a história de um grupo cujos integrantes, segundo a concepção de Grupo Operativo de Pichon-Rivière, estavam unidos por um objetivo

⁽¹⁾ Professora Doutora, Docente do Curso de Terapia Ocupacional da FMUSP.

Endereço para correspondência: Rua Cipotânea, 51. Cidade Universitária. São Paulo, SP. CEP: 05360-000.

comum (a realização de um jornal quinzenal feito por pacientes da ala masculina de um hospital psiquiátrico), compartilhando o mesmo espaço e tempo, articulados por sua mútua representação interna, o que possibilitava a cada um construir seus papéis em relação ao outro. Nessa dinâmica, a atividade se tornava uma facilitadora para a constituição da trama vincular.

Dentro de toda complexidade, que envolve as relações entre os indivíduos de um grupo, a dinâmica das relações de papéis ganha destaque para a compreensão e análise do processo grupal.

Enrique Pichon-Rivière, psicanalista e criador da primeira escola de Psicologia Social na Argentina dá relevância a essa questão em seus estudos sobre Grupo Operativo, pois, para ele, todo ser humano se relaciona e interage a partir da assunção e delegação de papéis, criando expectativas de um em relação ao outro e determinando condutas sociais, que são assimiladas desde o nascimento.

Considerando isso, Pichon-Rivière caracteriza o grupo como “um conjunto de indivíduos que ligadas por constantes de tempo e espaço e articuladas por sua mútua representação se propõe, de forma implícita ou explícita, a uma tarefa que constitui sua finalidade, interagindo através de complexos mecanismos e assunção e adjudicação de papéis” (SAIDON, 1982, p. 184).

Como diz Samea (2002, p. 63):

“ao longo da vida aprendemos a desempenhar diversos papéis, colocados em ação em diferentes e circunscritas circunstâncias. Neste desempenho, junto com os demais, vamos aprendendo e internalizando distintas formas de ‘funcionar’ em grupo, para que sejamos identificados. Podemos dizer que um papel é um modelo institucionalizado de conduta, e quem lhe dá realidade social é o sujeito que o ativa”.

E, a medida que se estabelece uma articulação entre os sujeitos do grupo, na qual assumem e delegam papéis um ao outro, a comunicação passa a ocorrer, possibilitando a aprendizagem e, conseqüentemente, a apreensão da realidade. Numa relação vincular o indivíduo sempre procura comunicar algo a alguém, buscando quem possa compreender suas mensagens. E, como tudo que emerge no momento da interação entre as pessoas representa a totalidade da vida mental de cada um, irá tornar também toda conduta ou comunicação repleta de significados. Portanto, um grupo se forma se todos estiverem incluídos nessa mensagem grupal, buscando articular os papéis assumidos e os prescritos, determinando a dinâmica entre seus integrantes.

O vínculo, condição básica para que os indivíduos

interajam através do interjogo de papéis se dá, segundo Pichon-Rivière (1998), quando um sujeito se torna significativo ao outro, configurando uma estrutura de relação interpessoal que inclui, um sujeito, um objeto, a relação do sujeito frente ao objeto e a relação do objeto frente ao sujeito, cumprindo os dois uma determinada função, gerando, então, determinadas condutas.

Porém é na estrutura interacional do grupo, quando várias pessoas se reúnem e interagem entre si, que cada membro projeta fantasias, que se tornam visíveis no processo de assunção e delegação de papéis.

Essa complexa estrutura, que implica na constituição de um grupo, cria um campo de múltiplas transferências. Para Pichon-Rivière (1988), a transferência consiste em um processo da adjudicação de papéis inscritos no mundo interno de cada indivíduo. Através dela a pessoa revive os vínculos e atua. É a manifestação de sentimentos inconscientes que aponta para a reprodução de situações (oposta à aprendizagem), característica da adaptação passiva (oposta à adaptação ativa), que compromete duas estâncias temporais: o passado e o presente. Esse despertar de um afeto que originariamente provocou o distanciamento do indivíduo com o seu desejo, pode insinuar defesas ou resistências a qualquer mudança, e, assim, estancar a disponibilidade do sujeito ao contato com uma nova tarefa. Pois, o enfrentamento com uma situação de mudança pode gerar a emergência dos medos básicos que, segundo Pichon, consistem no temor à perda dos vínculos anteriores e no ataque da nova situação, configurando uma atitude de resistência à mudança, que se manifesta pelo estereótipo e indisponibilidade do sujeito para a aprendizagem. Aprendizagem no sentido de buscar outras formas de contato com a realidade, de reestruturação dos vínculos, de enfrentamento com situações novas. “Seria o processo de apreensão do real, a apropriação instrumental da realidade” (SAMEA, 2002, p. 60).

Assim, a tarefa do grupo operativo se resume em romper com as estereotípias que dificultam o processo de aprendizagem e a comunicação, explicitando o “como se” e modificando a atitude reprodutora (estereotípada) do grupo frente a tarefa por condutas criativas frente a realidade. Isto é, a partir do explícito, do manifesto, descobrir através da tarefa o que está implícito ou latente, que estariam gerando obstáculos ou dificuldades para a realização das novas tarefas (SAMEA, 2002).

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Descrevo, a seguir, um grupo de atividade composto por indivíduos internados em uma instituição

psiquiátrica, enfocando a dinâmica da relação de papéis ocorrida entre seus integrantes e os reflexos na produção da atividade.

A tarefa do grupo era realizar um jornal quinzenal para ser distribuído na instituição com o objetivo de divulgar as produções gráficas, como desenhos, pinturas, poesias, histórias, contos etc., realizados pelos pacientes. Era aberto à participação de todos aqueles que se interessassem em integrá-lo.

Sobre a organização do grupo

Presenciamos um primeiro momento de organização dos membros que comporiam o grupo de discussão de como poderia ser viabilizada a tarefa. Nessa fase de pré-tarefa*, como se refere Pichon-Rivière (1998), os indivíduos se deparam com ansiedades e resistências que funcionam como obstáculos a possíveis re-interpretações da realidade precisando ser o grupo acolhido frente ao novo. Percebemos, portanto, intenso movimento e discussões, pois exigia para muitos deles, participar de uma atividade desconhecida e vivenciar novas experiências. Os objetivos da proposta foram esclarecidos, decidindo-se a forma de organização a fim de que a tarefa se realizasse. Uma comissão de mais ou menos 15 integrantes foi montada e durante uma semana, todos os pacientes da instituição poderiam escrever, desenhar ou comunicar o que desejassem através de diferentes recursos de expressão, os quais eram coletados pelos membros da comissão. Na semana seguinte, as produções eram organizadas e a cada 15 dias o jornal distribuído aos pacientes e funcionários.

Ultrapassada esta fase de delimitação da tarefa, começamos a observar nesse grupo um espaço potencial de criação e de expressão através de poesias, desenhos, piadas, histórias reais ou fictícias, queixas, passatempos, um grupo aberto a aprendizagem, com a participação de grande parte dos integrantes, preocupados com a elaboração de um trabalho conjunto. As lideranças e sub-grupos apareceram como forma de organização da tarefa, sem contudo interferir nessa dinâmica participativa. Aqueles que tinham mais habilidade em desempenhar determinadas atividades, como digitar, desenhar ou escrever, foram assumindo mais a coordenação do grupo não impedindo a produção dos demais.

Revisamos o lugar da coordenação dos terapeutas, que objetivava ajudá-los a criar neste espaço

um campo de produção de novas idéias e fazeres e enriquecimento das relações. Como o grupo caminhava no sentido de ganhar autonomia para a realização da tarefa, podendo assumir sua própria coordenação e lidar com as situações emergentes, decidimos manter certa distância do grupo. Passamos a participar quinzenalmente da comissão e nesses encontros avaliávamos conjuntamente o processo de realização de cada número editado. Eram momentos de trocas, conversas sobre o que tinham feito ou mesmo de queixas e busca de soluções.

O grupo passou a viver no silêncio

O grupo já havia realizado seu quinto número quando foi admitido um novo paciente. Advogado, 52 anos, extremamente obsessivo, rígido em suas posições, vindo de uma classe social bem mais elevada do que os outros integrantes do grupo. Refiro-me a ele como G.

Este, logo sugeriu (talvez mais uma imposição) determinadas mudanças na organização da tarefa. Levantou a necessidade de definir uma função específica a cada integrante da comissão, justificando que colocaria ordem no trabalho, objetivando melhorar a produção.

Levamos essa discussão para o grupo, para que cada integrante se posicionasse em relação a essa nova proposta. Para nossa surpresa, praticamente todos concordaram, alegando que a idéia tinha vindo de uma pessoa experiente e culta e, portanto, deveria saber mais que o resto do grupo. Essa postura do grupo levou-nos a estar mais atentas às dinâmicas que pudessem vir a ocorrer.

A partir de então, as funções de diretor, secretário, redatores e ajudantes gerais foram determinados (proposta trazida pelo novo paciente e acatada, sem discussões, pelos outros).

G. assumiu a liderança do jornal. Coordenava o trabalho, selecionava os artigos que poderiam ser impressos, como também quem entraria no grupo. Tinha características bastante obsessivas e exigia o máximo de perfeição de todos.

Um outro paciente, de 17 anos, que desde os cinco vinha sendo internado em hospitais psiquiátricos, vivendo, por essa razão, muito tempo separado da família, foi escolhido por G. para ser seu secretário. Era um rapaz de pouca iniciativa, dependente, muito

* Pré-tarefa é o momento em que o grupo se depara com uma nova tarefa, intensificando os medos básicos (perda ou ataque), que podem dificultar a operatividade grupal e resistências às mudanças. O momento da tarefa consiste na abordagem e elaboração das ansiedades, ocorrendo um salto qualitativo na relação com o outro (SAIDON, 1982).

medroso e cuidadoso em tudo que fazia. G., ao escolhê-lo para seu secretário, deixa muito clara a dinâmica dos papéis assumida por cada um: pai e filho, autoridade e submissão. Esse paciente parecia buscar em G. um modelo de identificação.

Outros quatro integrantes da comissão compunham um sub-grupo de redatores. Um deles passou a ocupar o lugar de bode expiatório* do grupo. Como muitas dificuldades não podiam ser explicitadas, esse paciente, de acordo com um processo natural de distribuição e aceitação de papéis, se fez depositário dos aspectos negativos e atemorizantes do grupo ou da tarefa. Podíamos perceber, então, que toda essa dinâmica dava origem a mecanismos de segregação e exclusão. Os demais integrantes eram pessoas de confiança do diretor. Considerava esses pacientes, como ele mesmo dizia, capacitados para tal tarefa. E, é claro, eles se achavam especiais por serem escolhidos.

O resto da comissão ficava meio à margem da produção, ajudando os outros no que precisavam.

Observou-se, então, um primeiro movimento de cisão dentro do grupo: de um lado os não alfabetizados ou de nível de escolaridade mais baixo e de outro os alfabetizados e de nível de escolaridade maior. Quase todos os cargos acima referidos foram assumidos por este último grupo, com exceção do secretário que ocupou o lugar de confiança do diretor.

Cada integrante tinha um papel claramente determinado. Porém, ia ficando em evidência, as relações estereotipadas e os papéis que cada paciente começa a assumir implicitamente. Uma dinâmica silenciosa, não explicitada, onde o novo passa a significar um risco para a organização que se instalou. Organização rígida, que afasta qualquer possibilidade de caos ou de transformação e, portanto, de criação.

Nesta fase o grupo se caracterizou pela rigidez da dinâmica dos papéis assumidos e delegados e, conseqüentemente, por uma acentuada diminuição da criatividade e espontaneidade. A comissão se fechou dificultando a entrada de elementos novos, e mesmo a saída dos pacientes que ocuparam os cargos determinados por G. Muitos começaram a se desinteressar pela atividade, alegando que não tinham muito o que fazer nessa comissão.

Observava-se um processo implícito de expulsão daqueles que, segundo os critérios de G., seriam incapazes de estar nesse trabalho. O grupo, que no início tinha uma média de 20 pessoas, passou a funcionar com

mais ou menos dez, e esse número se manteve por dois meses. A instituição, certamente, reforçava essa dinâmica pois, como o produto final passou a ser mais bem apresentado, tanto em forma como em conteúdo, depois que G. tomou a direção do jornal, os profissionais do hospital passaram a elogiar os resultados obtidos a cada número editado, salientando a diferença entre as primeiras edições e as que eram distribuídas durante sua coordenação.

Em nossas reuniões quinzenais observamos o empobrecimento das discussões, que se limitaram a uma rápida revisão no produto final. Geralmente as colocações eram feitas por G. que não permitia que outras opiniões aparecessem ou se confrontassem com as suas.

Quanto mais o grupo se fechava, menor era a participação de outros pacientes com novos artigos. Pudemos observar que os primeiros jornais editados tinham uma série de textos, poesias e outros artigos de pessoas que não faziam parte da comissão mas que, com essas mudanças, as contribuições foram se tornando escassas. Não era uma colocação explícita, a recusa a novas produções, mas as relações entre os integrantes desse grupo deixava implícito esse fechamento. Por outro lado, nada era contestado. Os indivíduos apenas se retiravam de cena.

E, quanto mais as relações de papéis entre os integrantes do grupo se tornavam inflexíveis, estereotipadas, menos espaço para a criatividade e espontaneidade se observava. Uma fase em que o grupo mostrava forte resistência a tudo que pudesse modificar essa situação e ameaçar a ordem determinada.

E o interessante é que naquele momento a instituição também passava por tentativas de mudanças que estavam sendo combatidas pelo já conhecido e institucionalizado. Havia, sem dúvida, um atravessamento da dinâmica institucional sobre o processo de constituição do grupo, impondo uma ruptura com o processo grupal sadio, dificultando o enfrentamento com situações de mudança.

Um novo movimento se instala no grupo

Resolvemos interceder, então, mais diretamente sobre essa dinâmica, a fim de criar outros movimentos, buscando explicitar as dinâmicas das relações entre os integrantes e as repercussões na forma de produção. Voltamos a freqüentar semanalmente a comissão,

* Os papéis mais destacados na teoria de Pichon-Rivière são de *porta-voz* – depositário da ansiedade grupal, aquele que explicita o que não pode ser dito, o que está implícito, *bode expiatório* – depositário de todas as dificuldades do grupo e culpado pelos fracassos do grupo, *líder* – o que organiza a ação, *sabotador* – aquele que se opõe a tarefa, que oferece resistência para a realização do trabalho (SAIDON, 1982).

intervindo nesse processo que se apresentava extremamente “doentio”, no qual a capacidade de aprendizagem e comunicação ficaram prejudicados.

Notamos como era forte a imagem que G. representava para o grupo. Uma liderança extremamente autoritária, em um grupo cujos participantes tinham histórias que comprometiam a capacidade de se expor, impor suas idéias, acreditar no próprio potencial. Parecia que para todos era difícil sair desses lugares: de controle ou submissão, de silêncio, de omissão do desejo e opinião, de possibilidade de escuta do outro. O vínculo que se estabeleceu entre seus integrantes estava, sem dúvida, influenciado pelas experiências individuais de cada um.

G. significou para o grupo a ordem, a autoridade, o desejo grupal e uma sensação de controle e estruturação. Mas, diante dessa pseudo-harmonia, o processo criativo do grupo se reduziu, os desejos e as falas foram sufocadas, os papéis se cristalizaram. A possibilidade de mudança se tornou ameaçadora, acarretando um bloqueio da aprendizagem e uma impossibilidade de se romper com uma série de obstáculos que interferiam na possibilidade de ressignificação de experiências pessoais. De fato, como diz Bleger (1980), a manutenção e a repetição das condutas acarretam a vantagem de não se enfrentarem mudanças nem ações novas e, assim, evita-se a ansiedade. Porém, o preço dessa segurança é o bloqueio da aprendizagem que está diretamente ligado a comunicação.

Precisaram de ajuda para lidar com o medo que paralisava a criação, a exposição de idéias, a experimentação de diferentes lugares no grupo, desarmando e rompendo com uma série de estereótipos e restabelecendo o diálogo entre seus elementos.

Começamos pedindo que outros integrantes da comissão emitissem suas opiniões, fizessem suas colocações. Não era muito fácil, pois mesmo abrindo-se esse espaço de escuta, a imagem de G. parecia os atemorizar. Que fantasias ocorriam em cada um deles com a figura da autoridade, do saber? Sem dúvida, eram tocados pelo sentimento de incapacidade, de ignorância, de submissão, de negação da própria subjetividade, que de certa forma reproduzia a sua condição de paciente de uma instituição psiquiátrica. Por outro lado, G. não podia se deparar com suas imperfeições, incapacidades e possibilidades de ampliação de vivências, pois para isso precisaria rever seus próprios conceitos de vida.

Certamente a nossa presença trazia um desconforto à G., pois gerávamos um campo de questionamento e aparentemente caos no grupo. Questionávamos o porque da pouca participação dos

outros pacientes na produção dos artigos do jornal ou discutíamos se a tarefa que cada um realizava estava de acordo seus desejos. Percebíamos uma tensão e medo de expor suas idéias. Muitas vezes, a fala de cada um era interrompida por G. Íamos apontando com muito cuidado essas situações, a fim de que o medo não desfizesse o grupo.

Neste momento, convidamos a participar da comissão um paciente que se mostrou interessado na atividade. Era um rapaz com formação universitária, trabalhou com desenho antes da internação e apresentava grande potencial criativo. Este passou a questionar a forma como o jornal estava estruturado. E o que apareceu na dinâmica grupal foi a oposição de idéias entre G. e esse novo paciente. Começamos a trabalhar essas diferenças de posição, procurando dar espaço às diversidades.

Mas G. recebeu alta nesta época, deixando seu secretário encarregado de exercer o papel de diretor do jornal. Este não aceitando a função, abriu-se a possibilidade de se rediscutir o lugar que cada um ocupava no grupo e as tarefas que desenvolviam. Realizamos várias reuniões onde avaliamos o processo do grupo, o que havia ocorrido nesse período e como cada um tinha se sentido, refletindo o porque da dificuldade de se expor e de falar e as conseqüências desse silêncio.

O grupo passou por uma fase de redefinição de papéis, tanto explícitos como implícitos. Outros indivíduos foram integrados ao grupo, criando e abrindo espaços para diferentes formas de comunicação. A organização do trabalho não se deu mais a partir de hierarquias, mas a partir de sub-grupos de tarefas específicas.

O grupo começou a dar seus primeiros passos em direção ao que podíamos chamar de saúde grupal, na qual os indivíduos foram capazes de viver relações mais espontâneas e criativas, transformando a realidade e retomando papéis antes cristalizados.

CONCLUSÃO

Assim, o que se pôde observar é que a ação vivida no contexto social emergiu através da ação experimentada no interior do grupo, onde os papéis originais encontraram equivalentes retomados dentro da configuração grupal. Isto é, a situação vivida no grupo repetiu, de alguma forma, as amarras e os enredamentos da vida social.

Mas, como nos fala Domingues (s.d.), este retorno, este tocar em cenas passadas, mas com outro enfoque, foi a possibilidade de criação. Os elementos

do grupo quando se colocaram numa posição de escuta do outro e de si próprio, abriram-se para um movimento de reflexão, de mobilização, de revisão dos seus papéis

internalizados e quebra de estereótipos e, portanto, de enriquecimento em suas formas de agir e de se relacionar, intervindo nas situações e provocando transformações.

BRUNELLO, M. I. B. Analysis of the dynamics of roles in an occupational therapy. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 13, n. 1, p. 9-14, jan./abr. 2002.

ABSTRACT: The aim of this article is to analyse the dynamic of roles in an Occupational Therapy group of in-patients in activity in a psychiatric institution starting with the theoretical referencial of Pichon-Rivière. The proposal to this activity has come from a group of patients who wanted to have a special room so that their graphic arts (drawings, poems, stories etc) could be known. A news-papers was decided to be the best solution to their aim.

KEYWORDS: Occupational therapy/trends. Intervention studies. Inpatients. Occupational therapy/methods. Mental health.

REFERÊNCIAS

BLEGER, J. **Temas de psicologia**. Entrevista e grupo. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

DOMINGUES, I. **Observação**: uma prática criativa. S. l.: s. n., s.d. Apostila.

MAXIMINO, V. S. A constituição de grupos de atividade com pacientes graves. **Rev. Centro Estudos Ter. Ocup.**, v. 11, n. 1, 1995.

PICHON-RIVIÈRE, E. *O processo grupal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do vínculo**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SAIDON, O. O grupo operativo de Pichon-Rivière guia terminológico para constituição de uma teoria dos grupos operativos. In: BAREMBLITT, G. **Grupos**: teoria e técnica. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

SAMEA, M. **Terapia ocupacional e grupos**: em busca de espaços de subjetivação. 184f. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

Recebido para publicação: 05/07/2001

Aceito para publicação: 25/08/2001